

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Vera Regina Severo Gomes

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: dos nós ao "nós"

Porto Alegre

2018

Vera Regina Severo Gomes

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: dos nós ao "nós"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Marcia Heloisa T. de F. Lima

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice Reitora: Prof. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Karla Maria Müller

Vice Diretor: Ilza Maria Tourinho Girardi

Gerência Administrativa: Maria Berenice Lopes

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Jeniffer Alves Cuty

Chefe substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

G633 Gomes, Vera Regina Severo

Bibliotecas Comunitárias : dos nós ao "nós". / Vera Regina Severo Gomes. –
Porto Alegre, 2018.

Marcia Heloisa T. F. Lima. (Orientadora);

1. Biblioteconomia 2. Biblioteca comunitária I Título II Lima, Marcia Heloisa
Tavares de Figueredo.

CDU 025.

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelo, 2705

CEP: 90035-007

Telefones:

Diretor: (51) 33085092

Vice-diretora: (51) 33085432

Gerencia Administrativa: (51) 33085435

Chefe Departamento: (51) 33082856

Email: fabico@ufrgs.br

VERA REGINA SEVERO GOMES

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: dos nós ao "nós"

Aprovado em 06 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª MARCIA H. T. DE FIGUEREDO LIMA

Prof Dr RODRIGO SILVA CAXIAS DE SOUSA

Profª Drª RITA DO CARMO LAIPELT

DEDICATÓRIA

Dedico a conclusão desta etapa ao meu companheiro, minhas filhas e filhos, que sempre estiveram junto, me incentivando. Aos meus pais e irmãos com quem aprendi a desenvolver o amor e a amizade e aos amigos que são a extensão da minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Professora Marcia Heloisa pela dedicação, paciência e empenho em todas as etapas que percorremos juntas.

Agradeço às minhas filhas pelo muito que me ajudaram nesta caminhada.

Agradeço aos meus filhos, pois mesmo sem inculcar neles a vontade de estudar, vejo orgulho em seus olhos, pelo que faço.

Agradeço ao meu marido, porque apesar de não entender o porquê de minha vontade de estudar, é o alicerce onde estou apoiada.

Agradeço à minha família de base onde aprendi a desenvolver o amor e a amizade, meus irmãos que estão comigo sempre, minha mãe de quem herdei a vontade de aprender e meu pai que me ensinou a alegria do viver.

Agradeço aos colegas do início ao fim da jornada pela troca de material e auxílio nos trabalhos, especialmente às já formadas, Ana Marta, Maria Salete, Raquel Leite que continuam na minha vida dando incentivo e dividindo bons e maus momentos. Agradeço à co-orientandas da professora Marcia: Eliana, Lisie e Luciana, por compartilharem farto material bibliográfico e diversas sugestões de construção da seção metodológica.

Agradeço aos meus netos que aqui estão e que estão chegando, são o futuro para onde olho e o incentivo de meu viver.

Agradeço à “Minha Universidade”, onde não é difícil entrar, mas para sair nem tanto.

"A ignorância é maldição divina,
o conhecimento a asa com que voamos para o céu."

Shakespeare

"É fazendo que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender a fazer."

Aristóteles

RESUMO

Estudo que tem como objetivo principal conhecer as condições necessárias para a implantação de uma biblioteca comunitária e verificar quais benefícios a implantação de uma biblioteca deste tipo pode trazer para uma comunidade específica: o bairro Santa Rita em Guaíba – RS. Adota metodologia qualitativa, que consiste em uma revisão bibliográfica. Revisa a contextualização teórica que envolve bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, o papel do bibliotecário, procurando listar o que distingue bibliotecas públicas de bibliotecas comunitárias. No levantamento das condições de possibilidade de uma biblioteca na comunidade, foram realizadas entrevistas como instrumento para a coleta de alguns dados sobre os alunos nas escolas do bairro. Conclui enumerando quais são as condições necessárias para a criação de uma biblioteca comunitária.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Biblioteca comunitária. Inclusão Social.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Biblioteca comunitária. Inclusão Social.

ABSTRACT

A study that has as main objective to know the theoretical requirements for the implantation of a community library and to verify with benefits the implantation of a library of this type can bring to specific community: Santa Rita neighborhood in Guaiba City / RS. It study adopts a qualitative methodology, which consists of a bibliographical review based on a survey of the literature. It reviews the theoretical contextualization involving public libraries, community libraries and the role of the librarian, seeking to list what distinguishes public libraries from community libraries. Interviews were carried out as an instrument for the collection of quantitative data about students in neighborhood schools in this survey. It concludes by enumerating the necessary conditions for the creations of a community library.

Key Words: librarianship. Public Library. Community Library. Social Inclusion

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11 – 13
2 METODOLOGIA	14 – 21
2.1 TIPO DE PESQUISA	15 – 18
2.2 GUAIBA, UMA BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO	18 – 19
2.3 BAIRRO SANTA RITA - ESCOLAS - GUAÍBA – RS	19 – 21
3 CONCEITOS TEÓRICOS	22 – 36
3.1 COMUNIDADES	22 – 23
3.2 BIBLIOTECAS PÚBLICAS	23 - 25
3.3 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA	25 – 34
3.4 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA INCLUSÃO SOCIAL	34 – 36
4 UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NO BAIRRO SANTA RITA, GUAÍBA, RS: uma proposta	37 - 40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41 - 42
REFERÊNCIAS	43 - 45
APÊNDICES – ENTREVISTA PROFESSORES	46 - 51
ANEXOS - AUTORIZAÇÕES	52 - 57

1 INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, referido doravante como TCC, originou-se de uma reflexão sobre o fato de haver poucas bibliotecas em comunidades populares. Bairros que concentram populações de menor poder aquisitivo, tanto de Porto Alegre como de outras grandes cidades e região metropolitana quanto de cidades interioranas do país.

Desse fato, decorrem consequências negativas para a população infanto-juvenil carente que não possui acesso aos livros e à informação em seus locais de estudo e moradia, tendo não raro que se deslocar em grandes distâncias para conseguir atingir suas metas de estudo.

No bairro Santa Rita em Guaíba, RS, onde resido observou-se a ausência (e conseqüente) necessidade de uma biblioteca comunitária, o que motivou o desejo de realizar um projeto para sua implantação. Como uma tarefa deste porte demanda conhecimento e planejamento, percebeu-se a necessidade de refletir sobre os passos anteriores a serem dados em um projeto desta grandeza, por isso este trabalho apresenta uma pesquisa exploratória descritiva que buscou na literatura e outras fontes relevantes, incluindo um estudo de campo, subsídios para conhecer melhor este tema. Esta reflexão teórica pretendeu compreender o que é, quem constrói, para que serve, quais as condições de possibilidades necessárias à criação de uma biblioteca comunitária. Para realizar desta tarefa é preciso amarrar esses nós através de uma análise dos dados coletados e da síntese dos resultados obtidos.

Desse "entreviro", emaranhado de nós, surgiu o título do TCC: passamos a pensar no sentido comunitário e construtivo de um "nós" imaginário, o grupo capaz de criar uma biblioteca em um jogo de palavras que daria conta de todos aqueles "nós" concretos, que representam os desafios de pensar de um lugar individual uma criação que é, por definição, coletiva.

Filosoficamente, há várias contradições implícitas nos pressupostos deste trabalho: a crença na visão iluminista do saber registrado como capaz de esclarecer as massas, o poder dos estudos que tornaria o homem sábio e livre. Em um país com uma democracia institucionalmente fraca e caracterizado atualmente por uma inserção nas tecnologias sem importar-se com alfabetização plena da população é necessário a desalienação – a conscientização - dos cidadãos quanto às agruras de viver na penumbra do conhecimento já que a manipulação de seus direitos é fruto da ignorância total ou parcial do que lhe é retirado em troca de migalhas.

Um trabalho de especial importância para a realização deste TCC foi a tese de Elisa Campos Machado (2008) que expõe políticas públicas para que reforcem e incrementem essas iniciativas, analisando a biblioteca comunitária como espaço de articulação local, seus usuários e a utilização da informação no ambiente citado. Seu trabalho pondera sobre comunidades, práticas sociais, sistema participativo e o papel do Estado na elaboração de políticas públicas para corroborar com essas práticas, quando analisa a distinção e igualdade entre biblioteca pública e biblioteca comunitária e apresenta a aplicação do termo pela sociedade e na área acadêmica.

O objetivo geral norteador deste trabalho foi conhecer o máximo possível sobre biblioteca comunitária e como criá-la, com a intenção de futuramente montar um projeto de uma biblioteca deste tipo no jardim Sta. Rita, Guaíba, RS.

Os objetivos específicos foram:

- a) listar as diferenças de bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias;
- b) enumerar as condições de possibilidade para implantação de uma biblioteca comunitária no Jardim Santa Rita em Guaíba, RS;
- c) explicitar quais benefícios uma biblioteca comunitária traria para a comunidade Jardim Santa Rita em Guaíba, RS e
- d) propor a implementação de uma biblioteca comunitária naquele bairro.

Para alcançar os objetivos deste TCC, levando em conta referir-se a de um estudo exploratório, ele está dividido nas seguintes seções: após esta introdução que apresenta objetivo geral, objetivos específicos e as motivações para sua realização, a seção dois apresenta a metodologia que inclui o campo empírico da pesquisa e as considerações metodológicas propriamente ditas, a seção três

apresenta o referencial teórico, a seção quatro apresenta as reflexões sobre os desafios da construção de uma biblioteca comunitária específica na comunidade Santa Rita em Guaíba e a seção cinco, as considerações finais. Após, são apresentadas as referencias bibliográficas.

2 METODOLOGIA

Para desenvolver uma pesquisa é necessário lançar mão de métodos que foram sendo desenvolvidos por cientistas e pesquisadores para a obtenção de um resultado efetivo, aliados com a intuição e criatividade do pesquisador, que de acordo com Rudio (1978, p.15) explica-se assim: " como uma pesquisa tem por meta um problema a ser resolvido, o método serve de guia para um estudo sistemático, compreensão e guia para a solução do problema."

Segundo Magalhães (2005, p. 226), método origina-se da palavra grega "*methodos*," que significa "através" ou "ao longo do caminho". Assim sendo, temos que metodologia seja uma trilha racional para facilitar a compreensão do fenômeno ou da informação que se está adquirindo.

Ainda em concordância com Magalhães (2005, p.230), sendo caminho, fica implícito que muitas pessoas o percorrerão (ou poderão fazê-lo) diversas vezes, algo que o torna gradativamente modificado para melhor ser percorrido.

Na definição do dicionário Houaiss (2001), metodologia "é um ramo da lógica que se ocupa dos métodos de diferentes ciências: parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre". Também de acordo com o mesmo dicionário, é

[...] procedimentos técnicos ou meio de se fazer alguma coisa de acordo com um plano, processo lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação etc. ordem lógica ou sistema que regula uma determinada atividade, modo de agir, recurso [...]

Ainda conforme Magalhães (2005) cientistas como Albert Einstein, o matemático francês Henri Poincaré (1854-1912) e o físico americano Richard Feynman (1918-1988) refletiram muito sobre o conhecimento em suas áreas, mostrando que essa reflexão tinha sim, muito afinidades com seu trabalho, mais ainda, explicitar e discutir métodos pode ser uma via para descobrir novos caminhos e resultados, ampliando o conhecimento além de ajudar a decidir que um caminho deve ser excluído se não levar aos resultados almejados.

Segundo o autor acima citado

No sentido mais geral, a metodologia se preocupa com as etapas do conhecimento, principalmente com o que se denomina de pesquisa ou investigação [...] que pode ser puramente mental, de reflexão teórica ou experimental ou, ainda, uma combinação dessas. Enfim, acaba sendo uma ciência em si como as ciências que ela estuda. (MAGALHÃES, 2005, p.230)

Feitas estas considerações, a metodologia propriamente utilizada para a realização deste trabalho será explicitada a seguir.

Inicialmente apresentaremos o tipo de pesquisa e após introduziremos alguns aspectos sobre a cidade de Guaíba e o bairro no qual a autora da pesquisa buscou inspiração para ampliar seu conhecimento sobre o tema.

2.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa que se ajustou melhor para o trabalho que nos dispusemos a fazer foi a pesquisa exploratória, expressa da seguinte maneira para Vieira (2002, p. 5) “A pesquisa exploratória visa a proporcionar ao pesquisador uma maior familiaridade com o problema em estudo, este esforço tem como meta tornar um problema complexo.” Dencker (2001), acrescenta que, neste tipo de estudo, o fenômeno pode ser abordado por intermédio da descrição qualitativa, quantitativa ou ambas.

Pesquisas exploratórias são estudos realizados especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado, geralmente constituem a parte inicial do que poderá vir a ser um estudo posterior mais amplo cuja meta seja desenvolver, esclarecer ou modificar conceitos propondo a formulação de problemas mais precisos.

Sobre pesquisa exploratória, Gil (2002, p.41) acrescenta:

[...]”têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...] Seu planejamento é bastante flexível, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’.

A pesquisa também pode ser considerada empírica e teórica simultaneamente. A pesquisa empírica estuda os fatos produzidos, tratando e analisando dados de forma a proporcionar a elaboração de argumentos concretos sobre o objetivo do estudo. Neste aspecto, procurou-se entrevistar alguns professores responsáveis por bibliotecas em escolas do bairro Santa Rita.

As entrevistas foram elaboradas com base em um roteiro que consta no Apêndice A. Todos os professores respondentes assinaram termos de consentimento livres e esclarecidos (autorizações) que constam como anexos, logo após as referências.

A parte teórica utilizou análise bibliográfica originada a partir de um levantamento da literatura da área. Foram utilizados livros, artigos e informações incluídas em sites oficiais e outros que tratam do assunto para conhecimento do que está sendo produzido acerca do tema eleito, coletando e registrando as informações em tópicos que depois foram analisadas, interpretadas recortados, classificados e montados de acordo com a evolução da compreensão sobre o tema.

Por estar embasado na leitura de bibliografias da área de bibliotecas, este tipo de pesquisa permite ao pesquisador, após o levantamento da bibliografia especializada da área, fazer reflexões e atribuir significados. Este esforço tem como meta tornar um problema complexo mais explícito.

Especificamente para este TCC, a análise bibliográfica foi elaborada utilizando uma espécie de "artesanato intelectual" (Wright Mills) ou o método da "carpintaria do trabalho intelectual", discutido por Maria Nazaré de Freitas Pereira, professora aposentada pelo IBICT, em curso de Doutorado naquela instituição, que por sua vez, fora-lhe apresentado por um professor de História. Os apontamentos teóricos foram a princípio transcritos na forma da "carpintaria intelectual", uma espécie de transcrições, recortes e colagens. Um exemplo de um modo de trabalho muito semelhante a este é o método utilizado por Woody Allen na construção de

seus roteiros, segundo um documentário sobre o trabalho deste diretor¹ produzido para a TV em 2012, lançado no Brasil em 2015.

Este formato de artesanato intelectual que foi sugerido pela orientadora tornou possível diversas mudanças no desenvolvimento do TCC, pois foi relendo os tópicos iniciais que surgiram novas indagações que levaram à leitura de artigos focados no tema, os quais cooperaram para a construção de respostas a inúmeras questões que, por sua vez, levantaram outras perguntas em um processo infindável de ânsia pelo saber e a sensação de que essa busca nunca será saciada. Como Sócrates - "o que sei é que nada sei". Ou, o paradoxo filosófico de quanto mais se aprende, mais se tem a aprender.

Cabe citar aqui como C. Wrights Mills² (Ano p. 212) explicita a maneira de desenvolver um trabalho de artesanato intelectual.

criar um arquivo onde unem-se as experiências pessoais e as atividades profissionais, os estudos em elaboração e os estudos planejados, dessa maneira o estudioso [...] estimulará a captura de pensamentos marginais, várias idéias, talvez subprodutos da vida diária, trechos de conversas ouvidas na rua ou, ainda, sonhos. Uma vez anotados podem levar a um raciocínio sistemático, bem como emprestam uma relevância intelectual com a experiência mais direta. (MILLS, Ano, p. 212)

Este estudo foi, portanto, desenvolvido a partir de um levantamento da literatura da área, selecionados os textos a serem lidos, os apontamentos foram fichados manualmente, a transcrição foi feita na maioria das vezes, de maneira formal e, em um segundo momento, procurou-se dar-lhes um formato pessoal manuscrito assegurando a retenção das informações que deveriam ser conservadas. Todo este processo foi acompanhado semanalmente pela orientadora.

A pesquisa teve um caráter quanti-qualitativo. Na fase qualitativa na pesquisa, a análise da bibliografia estudada abrangeu bibliotecas públicas, populares e comunitárias, relação do Estado no apoio às bibliotecas comunitárias, o emprego

¹ WEIDE, Robert B. **Woody Allen: A Documentary** disponível em <<https://www.fnac.pt/Woody-Allen-A-Documentary-Woody-Allen-DVD.../a925734>>. Acesso em 16-05-2018.

² C. Wrights Mills. disponível em: <https://pt.slideshare.net/camila_mangold/30154-mills-wriggt-do-artesanato-intelectual-in-a-imaginação-sociologica>. acesso em 01 de maio de 2018

dos termos comunidades, biblioteca e biblioteca comunitária no senso comum e na área acadêmica, o papel do bibliotecário nestes tipos específicos, a questão da meta de inclusão social.

Como já mencionado, a pesquisa teve uma parte quantificada no levantamento de dados sobre o número de escolas com bibliotecas no bairro e estimativa de alunos e usuários eventuais das unidades, visto que, apesar do estudo de usuários não ser o objetivo desta pesquisa, coube aqui verificar que nicho de uma população poderia ser beneficiado com uma biblioteca comunitária que possa complementar a aquisição do conhecimento usual com o conhecimento específico que auxilie na formação de um cidadão integral.

Feitas estas considerações metodológicas, a seguir apresentamos uma descrição sistematizada do contexto geográfico da pesquisa: primeiro, dados gerais sobre o município e a seguir, dados sobre os equipamentos educacionais e culturais do bairro Santa Rita.

2.2 GUAÍBA, UMA BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

A descrição aqui apresentada foi transcrita a partir de trechos recortados do site do IBGE³. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Guaíba, segundo dados do último censo realizado pelo IBGE em 2010, tinha uma população de 95.204 mil pessoas e atualmente tem sua população estimada em 99.334 mil pessoas, ou seja, uma região de aumento populacional significativo.

O site do IBGE informa que o município de Guaíba está marcado por intensa presença de sítios arqueológicos da cultura Guarani, a cidade está localizada às bordas dos rios Sinos, Cai, Taquari, Pardo, Jacuí, Laguna dos Patos e Lago Guaíba. Consta que as terras do município de Guaíba também foram envolvidas na disputa de fronteiras dos domínios sul-americanos entre Portugal e Espanha e que a distribuição de sesmarias foi uma maneira de Portugal garantir a presença de

³ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Site do ibge. Página institucional. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/guaiba/historico>>

sesmeiros portugueses que tinham a obrigação de povoar, explorar economicamente e defender militarmente a coroa portuguesa frente aos espanhóis e guarani no século XVIII.

O povoado das Pedras Brancas, que deu origem a cidade, ao que tudo indica, surgiu na segunda metade do século XIX, por ser ponto de parada obrigatória para o gado. Assim, surgem as charqueadas com a presença da mão-de-obra escrava, do peão campeiro, dos tropeiros e tropas de gado em nossa região, um pequeno vilamento com infra-estrutura voltada para a economia pastoril. Ao mesmo tempo, as terras do atual município de Guaíba eram passagem para todos aqueles que, da região Sul e Oeste, desejassem chegar até Porto Alegre, pois a travessia era feita pelas águas do Lago Guaíba para o escoamento da produção e transporte de passageiros onde foram utilizadas, inicialmente, as pirogas (embarcações indígenas), canoas, barcos a vela e, na segunda metade do século XIX, o barco a vapor. A denominação Pedras Brancas está vinculada à formação rochosa existente na região, com aproximadamente 600 milhões de anos, e que apresenta as rochas mais antigas do planeta, entre elas granito em forma de monólitos ou matações.

Esta fazenda foi escolhida pelos líderes farroupilhas como ponto de encontro para as últimas tratativas referentes à tomada de Porto Alegre, por ser um local estratégico militar. Na casa de Gomes Jardim (mais tarde vice-presidente da República Riograndense) e sob a sombra do Cipreste Histórico, foram acertados os planos para a invasão da capital da província o que ocorreu às 23 horas da noite do dia 19 para 20 de setembro de 1835.

O ano de 1926, foi o ano da emancipação política do então 9º distrito de Porto Alegre - Pedras Brancas e o município de Guaíba foi criado pelo decreto nº 3.697, de 14 de outubro de 1926, formado a partir dos territórios de Pedras Brancas, Barra do Ribeiro e Mariana Pimentel, respectivamente 9º, 10º e 11º distritos de Porto Alegre.

2.3 BAIRRO SANTA RITA - ESCOLAS - GUAÍBA – RS

O bairro Santa Rita está localizado na periferia, antes da entrada da cidade de Guaíba no sentido capital-interior. A população adulta do bairro é constituída na

grande maioria por pessoas que trabalham em Porto Alegre, fato responsável pela designação de bairro dormitório nos anos iniciais de sua formação, mas que gradualmente está se modificando porque seus moradores estão participando mais ativamente das tomadas de decisões comunitária, investindo em pequenos negócios, gerando empregos e abraçando o bairro como seu, não apenas o local onde voltam a noite para descansar.

Apesar disso, é um bairro que precisa muito de atenção por parte dos administradores municipais, pois cresceu em termos de população rápida e desordenadamente, o que gerou graves problemas estruturais que aguardam soluções, entre eles invasões em grandes terrenos com sub moradias sem saneamento básico e o serviço de atenção básica em saúde muito precário.

Essas afirmações são feitas porque esta pesquisadora além de ser moradora do bairro desde o início também foi agente coletor de dados do pré censo, do ultimo censo de 2010 do IBGE e do projeto Mulheres da Paz, fazendo incursões pelo bairro pesquisando e conhecendo uma realidade que mesmo estando ali tão perto, sempre esteve encoberta no seu trajeto casa-trabalho-casa.

A seguir apresentamos os dados iniciais obtidos sobre as quatro escolas que o bairro possui:

a) Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Rita

Tem em seus registros 1200 alunos matriculados nas faixas etárias que variam de 4 a 30 anos nos turnos manhã - das 8h às 12h - e tarde - das 13h às 17h. A escola possui biblioteca que funciona nos mesmos horários, não possui bibliotecária. Quem faz o atendimento é uma professora, tem frequência de alunos e não está aberta para a comunidade externa. Durante a pesquisa foi relatado que a escola optou por abrir um anexo situado junto ao CIEP pois na sede central não possui o espaço suficiente para acomodar todos alunos inscritos nas séries iniciais que passaram a ser responsabilidade do município. Nesse anexo são atendidos mais 300 alunos na faixa etária de 4 a 7 anos

b) Escola Estadual de Ensino Médio (CIEP), Prof. Carmem Alice Laviaguerre

Tem em seus registros em torno de 800 alunos matriculados nas faixas etária que variam de 6 a 13 anos nos turnos manhã - das 8h às 12h e tarde - das

13h às 17h. A escola possui biblioteca que funciona nos mesmos horários, não possui bibliotecária. Quem faz o atendimento é o profissional disponível, tem frequência de alunos e não está aberta para a comunidade externa. Nesta escola foram realizadas duas incursões: a primeira pessoal e a segunda via telefone, visto que, no dia da entrevista, a professora respondente não teve acesso aos registros de alunos, razão pela qual foi marcado um novo horário para obter essa informação.

c) Escolas Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl

Tem em seus registros 680 alunos matriculados nas faixas etárias que variam de 6 a 65 anos nos turnos manhã - das 8h às 12h-, tarde - das 13h às 17h, e noite - das 19hs às 22h. A escola possui biblioteca que funciona nos turnos manhã e tarde apesar de que no turno da noite funciona com o projeto EJA. Não possui bibliotecária. Quem faz o atendimento é uma professora. É frequentada pelos alunos e está aberta à comunidade externa.

d) Escolas Estadual de Ensino Médio Dr. Ruy Coelho Gonçalves

Tem em seus registros em torno de 850 alunos matriculados nas faixas etárias que variam de 7 a 18 anos nos turnos manhã, das 8h às 12h-, tarde - das 13h às 17h, e noite - das 19hs às 22h A escola possui biblioteca que funciona nos mesmos turnos, não possui bibliotecária. Quem faz o atendimento é uma professora. Tem pouca frequência de alunos, (foi comentado informalmente os alunos preferem frequentar laboratório de informática) e não está aberta para a comunidade externa.

Nesta escola também no dia da entrevista a professora respondente não teve acesso aos registros de alunos. Em razão desse fato, foi marcado um novo horário para obter essa informação.

Após a apresentação da metodologia, passamos aos conceitos teóricos, a seguir são citados em breve levantamento bibliográfico o surgimento das bibliotecas no Brasil, ampliando para uma visão mais explícita sobre os primeiros relatos acerca de bibliotecas comunitárias, a quem pode beneficiar sua implantação, quem são as pessoas envolvidas na criação das bibliotecas comunitárias, quais as consequências geradas pela presença ou ausência de um profissional bibliotecário na gestão dessa instituição, o papel de uma biblioteca na ressocialização da comunidade onde está inserida e no tocante à suprir a necessidade informacional de seus usuários.

3 CONCEITOS TEÓRICOS

Para fundamentar esta pesquisa foi feito um levantamento de dados em fontes de informação primárias – IBGE (dados já apresentados na construção do campo empírico na seção anterior) - e, secundárias – livros, artigos, TCC, tese e entrevistas concedidas por alguns membros da comunidade escolar como alunos professores e pais. Os conceitos teóricos pesquisados foram: comunidades, bibliotecas comunitárias, bibliotecas públicas e o papel do bibliotecário.

3.1 COMUNIDADES

Para entender como acontece o surgimento de uma biblioteca comunitária em determinado espaço urbano primeiro vamos entender o que são comunidades.

Encontramos definido no Dicionário de Sociologia de Richard Osborne que: [...] “comunidades são agrupamentos de pessoas que estão ligados essencialmente ao solo, e seus membros compartilham ações conjuntas que dizem respeito às suas vidas”.

Tendo esse conceito relação com o que afirma Fernandes (1972), quando diz que a comunidade seria um agrupamento de pessoas que vivem em uma área delimitada, caracterizado por certa uniformidade no estilo de vida em função de aspectos econômicos e culturais (e até históricos) mais ou menos semelhantes.

Sendo igualmente definido por Chauí, (1999, p.296 *apud* MACHADO 2008, p.30): ao afirmar que “comunidade é um grupo ou uma coletividade onde as pessoas se conhecem, tratam-se pelo primeiro nome, possuem contatos cotidianos cara a cara, compartilham os mesmos sentimentos e idéias e possuem um destino comum”.

Neste mesmo sentido, Outhwait e Bottomore (1996, p.115 *apud* MACHADO 2008, p. 29) apresentam uma definição mais completa:

Não obstante, um conjunto de indivíduos vivendo ou interagindo dentro de um mesmo território não constituem em si mesmo comunidades, particularmente se esses indivíduos não se considerarem como tal, o que une uma comunidade não é sua estrutura mas um estado de espírito, um sentimento de comunidade.

Percebemos com essas afirmações que apesar de haver algumas divergências entre os pesquisadores, os aspectos sócio-econômicos e culturais são o ponto de união que caracteriza uma comunidade e seguindo essa linha de raciocínio podemos entender que os membros de uma comunidade são pessoas que se enxergam como iguais e encontram no outro um ponto de amparo que os auxilia quando devem tomar decisões que afetem a coletividade.

A população desses aglomerados que via de regra se localizam nas periferias e regiões metropolitanas de grandes cidades geralmente não possuem biblioteca ou outro tipo de centro de acesso à informação gratuito, e quando eles existem a dificuldade está no horário de funcionamento que não condiz com o período que esses potenciais usuários dispõem livre, pois excluindo a maioria dos estudantes, os demais fazem parte do grupo que gasta boa parte do tempo em deslocamento para o serviço e na brecha disponível em seu horário não há bibliotecas de portas abertas

3.2 BIBLIOTECAS PÚBLICAS

No estudo de Lemos (2005, p.101-102) consta que:

“[...] a palavra biblioteca teve origem na forma latinizada do vocabulário grego biblioteca,- de *biblion* - livro e *theke* - estojo, Ocompartimento, escaninho onde se guardavam os rolos de papiro ou pergaminho, por extensão a estante e finalmente o lugar da estante com livros, passou a ser forma dominante na língua portuguesa apenas no início do século XIX, antes a palavra preferida era livraria, assim como em inglês, *library* é biblioteca e não livraria. (*bookstore*)”.

E, conforme é citado por Machado (2008), apesar de estar relacionada com a educação elas estão inseridas na área da cultura, portanto, são as políticas culturais da administração pública que buscam por meio de leis seu fortalecimento e regulamentação em caráter permanente.

Foi no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) [...] “que foram implantadas o que seriam as primeiras políticas culturais com o objetivo de institucionalizar a cultura”, segundo Lia Calabre (2007, p.1) *apud* Machado (2008, p. 75).

No Brasil as bibliotecas públicas são criadas por leis federais, estaduais ou municipais, sendo de responsabilidade do órgão competente sua manutenção financeira, material e humana.

Porém grande parte das iniciativas de implantação tem como verdadeiro motivo o eleitoreio, são idealizadas e criadas bibliotecas como relata Machado (2008, p.87) [...] “tipo a de Duque de Caxias, na baixada fluminense, no centro da cidade, com a marca do arquiteto Oscar Niemayer sem nenhuma relação com o lugar”, ou o prédio que deveria abrigar a Biblioteca Leonel Brizola na cidade do Rio de Janeiro que foi inaugurado em 2006 e continuava fechado em 2008, à época da tese de doutorado daquela autora.

Sendo assim, as bibliotecas públicas, de um espaço cujo objetivo é facilitar o acesso à informação para as pessoas que necessitam, transformam-se em depósitos com pouca ou nenhuma utilidade e, pior ainda, devido a má gestão na aplicação de verbas públicas torna ainda mais carente quem necessita amparo. Apesar de serem o repositório de todo saber desenvolvido pela humanidade, esses espaços são abandonados pelo poder público que lhes destinam verbas irrisórias para apenas manter funcionando o espaço sem dar atenção ao que representaria para o cidadão uma biblioteca.

Entre as funções básicas de uma biblioteca pública estão: recreação, cultura e educação. E, apesar de na atualidade continuar a discussão sobre o papel dessa instituição, ela já era reconhecida no início do séc. XX. conforme é citado por Almeida Jr. (1997) quando lembra que Gramsci (1982) considera bibliotecas públicas a mais brilhante iniciativa em favor da cultura popular nos tempos modernos ao referir-se a um artigo escrito por Alfredo Fabietti,⁴ 1928 sobre a origem e desenvolvimento dessas instituições.

Quanto à biblioteca cumprir a função de suprir a necessidade informacional dos usuários e deixar de ser apenas um local que direciona o usuário para páginas definidas de enciclopédias, Milanesi (1986, p.145) tem uma visão muito clara de que seu espaço e acervo deveriam estar organizados de tal maneira que fosse obtida a informação mais completa sobre o assunto sem margem de dúvidas, o resultado da pesquisa deve estar de tal modo organizado que naturalmente flui da escrita para a

⁴ Alfredo Fabietti. <disponível em:[https://it.wikipedia.org/wiki/Alfredo Fabietti](https://it.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Fabietti), 1928> acesso em:25 de maio de 2018.

cabeça ou do pensamento para a escrita. Sendo assim um acervo útil não um mero depósito de livros.

3.3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

A análise desse modelo de biblioteca pelos meios acadêmicos é difícil por ser uma experiência voluntária, espontânea e popular e seus organizadores não se importam em registrar seu nascimento e desenvolvimento e sim em oferecer serviços, de onde se deduz ser essa a maior razão da escassa bibliografia envolvendo o tema.

Citando Bauman, Machado enaltece a virtude da expressão biblioteca comunitária:

o termo comunidade é potencializado pelo termo biblioteca, pois opera no imaginário da sociedade como um espaço carregado de cultura. O termo comunidade é usado nesse caso como um qualificador para identificar espaços informacionais ou serviços de informação fortemente vinculados ou direcionados a grupos específicos dentro de um contexto de necessidades socioculturais. (BAUMAN 2003 *apud* MACHADO, 2008, p.62)

Conforme Almeida Jr. (1997, p.64), na literatura brasileira foi mencionada pela primeira vez a expressão "biblioteca comunitária" por Arminda Nogueira de Castro Ferreira em um artigo publicado na Revista Brasileira de Biblioteconomia em 1978, ao referir-se à experiência americana do início do século passado que tratava da tentativa de integração da biblioteca pública com a escolar. Nesse artigo, a autora citada argumenta enfaticamente acerca da necessidade da criação de uma biblioteca conjunta comunitária que abriria suas portas para o público em geral ampliando os usuários das bibliotecas públicas - que na sua visão são poucas – e que, normalmente, restringem sua utilização aos alunos, professores e funcionários da instituição à qual são vinculadas.

Conforme identifica Almeida Jr. (2006 *apud* por MACHADO, 2008, p.62), o senso comum que caracteriza esse tipo de biblioteca é ser uma iniciativa dos membros da comunidade, cujo público alvo é a mesma comunidade que a mantém.

QUADRO 1.DIFERENÇAS - CARACTERÍSTICAS

	BIBLIOTECA PÚBLICA	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA
FUNDAMENTAÇÃO	Projeto Técnico	Projeto Político Social
LEGITIMIDADE	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
HIERARQUIA	Rígida, muito hierarquizada	Mínima, flexível
EQUIPE INTERNA	Constituída por funcionarios da administração pública alocados no local independentemente de seu vínculo local	Membros da comunidade
EQUIPE EXTERNA	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado, Elisa Campos (2008, p.)

Na tese de Machado (2008, p. 55-57), a autora afirma que o termo biblioteca comunitária é utilizado de um modo geral para designar biblioteca pública nos países desenvolvidos (Suécia, Inglaterra, Irlanda, E.U.A); estão localizadas na periferia de grandes cidades e são formadas por comunidades especiais, desempregados, presidiários, moradores de rua, imigrantes e pessoas com vinculo a órgãos públicos.

Segundo Stumpff (1988, p.20), a biblioteca comunitária diferencia-se da biblioteca pública apenas pela não subordinação ao Estado, pois sendo implantada pela comunidade cabe a esta também sua manutenção.

Sendo vista como um recurso de recreação, cultura e educação, ou seja, 3 das funções básicas de uma biblioteca, justamente aquelas que são priorizadas pela biblioteca pública. A função informacional que pode levar à transformação social não é priorizada. (STUMPPFF, 1988, p.96-97,)

Para Almeida Jr. (1997, p.62), os conceitos de bibliotecas comunitárias não são consensuais e muitas não raro são radicalmente opostos. Poderia, por exemplo, ser considerada como a “biblioteca/centro cultural, voltada, para a população, trabalhando para a cidade”, dando voz ao não público que neste ponto do pensamento parece estar em concordância com Milanesi (1997, p 213 *apud* Ferreira Jr.; Oliveira 2009, p.2) que argumenta ser a biblioteca cultural voltada para a população, falando à cidade e criando condições para que a cidade fale.

A concepção de Almeida Jr. para as bibliotecas de ação cultural enfatiza que tais bibliotecas não serão mais supermercados ou fontes de cultura mas sim núcleos de uma expressão cultural viva; sua função não será mais de dar, oferecer cultura a um grupo de pessoas mas a de propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, de favorecer uma ação cultural com um grupo de pessoas - não *para* um grupo, mas *com* ele.

Nas Bibliotecas e Centro Culturais tradicionais existe consumo de cultura, no modelo da biblioteca comunitária deve haver também criação cultural.

Segundo Machado (2008), uma biblioteca comunitária pode ser definida como:

projeto social que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas que tem por objetivo ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, tendo em vistas a sua emancipação social.

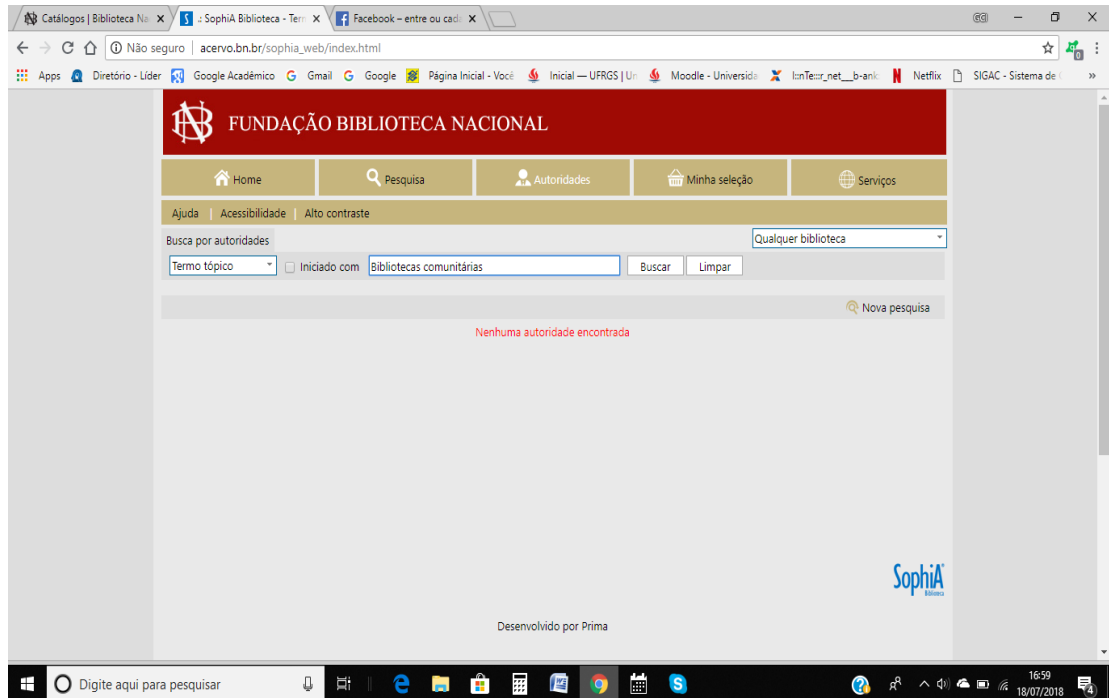
Em concordância com Jesus, Machado complementa que bibliotecas comunitárias são:

instituições voltadas para disseminar informação e cultura em locais de carência econômica, pois na chamada sociedade da informação existem inúmeras pessoas desinformadas, não por opção de não querer fazer parte do processo, mas porque se veem privadas do direito de participação." (JESUS, sd, p.20 apud MACHADO, 2008)

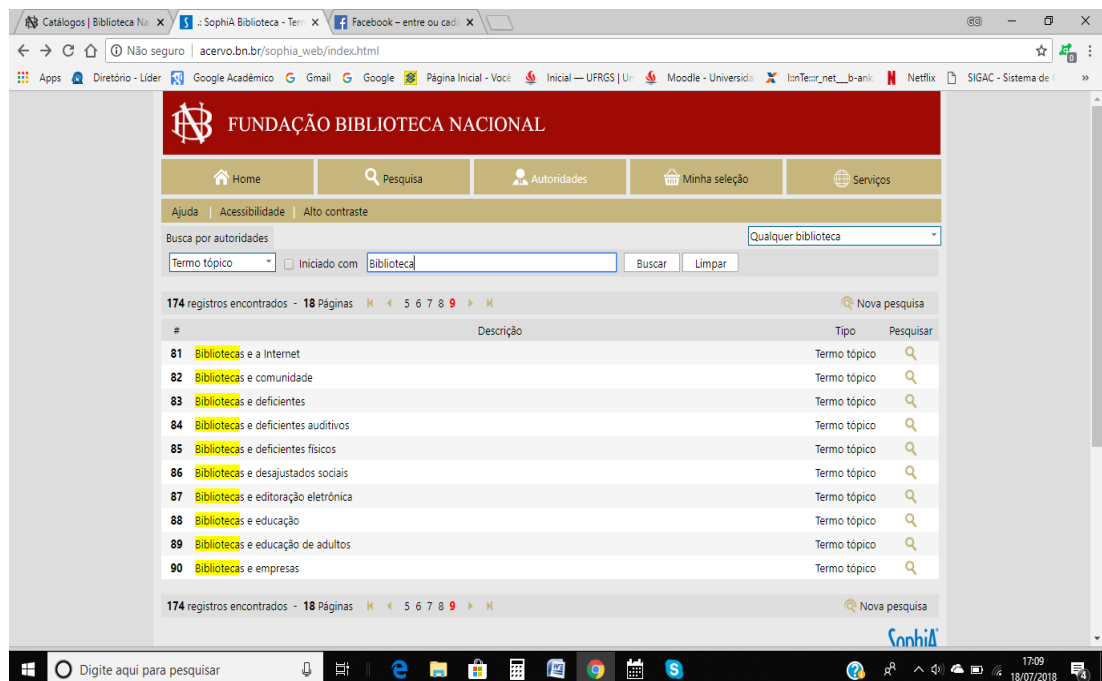
No entanto, Machado (2008) afirma que, para recuperação da informação, o termo biblioteca comunitária não é utilizado, tanto na Biblioteca do Congresso como na Biblioteca Nacional, o que leva à dedução de que esse termo não é reconhecido pelos especialistas na área terminológica dessas instituições, que não fazem uso do sintagma, apesar de encontrarmos o termo sendo utilizado na nossa literatura.

De fato, em julho de 2018, realizamos uma busca nos catálogos da Biblioteca Nacional⁵ e a pesquisa ainda resulta negativa, conforme a figura a seguir:

⁵ Disponível em <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em 18 jul. 2018.



Segundo o comentário da avaliadora deste TCC, professora Rita Laipelt, aqui acrescentado, é possível que a ausência do sintagma "bibliotecas comunitárias" seja uma questão de política de indexação que os leva a utilizar os termos "bibliotecas" e "comunidade". De fato, ao pesquisarmos o catálogo da Biblioteca nacional em julho de 2018, houve recuperação de 13 itens de informação⁶.



⁶ Disponível em: <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em 18 jul. 2018.

Machado (2008) entende que o conceito "biblioteca comunitária" no Brasil remete a uma categoria que possui o mesmo significado: espaço físico aberto ao público local, com acesso à informação e às diversas formas de leitura onde a ação cultural é fortemente implementada.

Seguindo o mesmo pensamento de Almeida Jr (p. 1997) Machado afirma que a biblioteca comunitária foca em atender às demandas da comunidade sendo por essa razão assim caracterizadas, nesses espaços o usuário deve encontrar um acervo que atenda suas demandas tanto informacionais, educativas e de lazer em diversos suportes e novas mídias, além de possuir boa localização e horários que atendam às reais necessidades do usuário, pois além de promover a formação do indivíduo, a elevação da autoestima, conduz o indivíduo para a integração social auxiliando no desenvolvimento de um olhar mais crítico e consciente sobre a sociedade na qual está a margem.

Transformar a biblioteca em algo vivo dentro da comunidade seria munir as classes populares com a informação de que elas necessitam, dar utilidade à informação e ir além, ajudar a transformar o hábito da leitura em gosto pela leitura, saber que por intermédio da mesma, a informação estará disponibilizada e em um processo de causa-efeito poderá suprir além do conhecimento a materialização do uso para o que lhe convém.

Entre os objetivos da biblioteca comunitária conforme Sarti, Guiraldi e Vicentini *apud* Almeida Jr. (1997,p.98) estão:

- a) atender a comunidade específica
 - b) desenvolver hábito de leitura
 - c) conscientizar a população na participação comunitária
 - d) preservação de um bem público.
 - e) Tornar a biblioteca um fator integrante da comunidade.
- (SARTI, GUIRALDI, VICENTINI, 1984, P.16).

Essas bibliotecas são espaços públicos criados para atender às demandas informacionais de uma ou mais comunidades, por isso seu discurso é heterogêneo e não desenvolve o trabalho com exigências de grande nível de especialização terminológica ou de indexação do acervo. Seu surgimento dentro da comunidade, não admite a implantação impositiva, não será mais uma biblioteca *para* a

comunidade, mas uma biblioteca da comunidade, verdadeiramente pública (ALMEIDA Jr. 1997, p.65).

O termo biblioteca comunitária para Machado (2008) é o que melhor define e identifica “o que considera ser empreendimentos sociais que surgem do desejo e da necessidade de um determinado grupo de pessoas em ter acesso aos livros, à informação e à prática da leitura em um real exercício de cidadania”. Em outras palavras,

projetos vinculados a um grupo particular de pessoas que tem como objetivo atender esse mesmo grupo, os quais possuem os mesmos problemas, interesses e sua própria cultura, seja esse um grupo de especialistas em paleontologia ou moradores de uma comunidade de risco.(MACHADO, 2008, p.)

Em concordância com Chauí (2006, p. 62), Machado (2008) diz ser a opção pela denominação biblioteca comunitária outro fator que leva a considerar a biblioteca comunitária diferente. “ela não carrega apenas significados e sentimentos, carrega também ideologias. [...] o desejo de trabalhar, ou seja, oferecer serviços para várias camadas da população.”

A primeira biblioteca desse molde relatada no Brasil foi no município de Serra, ES, Biblioteca Parque residencial Laranjeiras (Badke,1984) que por ser compreendida como um local de participação da comunidade recebeu o adjetivo de biblioteca popular.

Já em 2004, conforme Souza (2010, p. 21), Geraldo Moreira Prado apresenta a Biblioteca comunitária Maria das Neves Prado como sua criação. Esta biblioteca está instalada no povoado de São José do Paiaí – Nova Soure, BA, a 300 km de Salvador.

A "Biblioteca do Paiaí" iniciou funcionando como um centro de discussão. Depois centro de memória cultural, tendo sido agregadas, pela comunidade várias ações de cunho pedagógico, social e cultural. Primeiro anunciada pelo idealizador e comunidade, hoje, com maior apoio de ONGs e movimentos sociais.

Essa biblioteca quando desdobra as suas ações e amplia o seu papel, enfim, presta informações a quem precisa não importando qual seu nível social, está mudando o fato de que a informação só está disponível a quem pode pagar por ela, pois como foi citado por JESUS (sd, p.20 *apud* MACHADO, 2008) “o valor do suporte informacional é alto: internet, livros, revistas, e ultrapassa o poder aquisitivo

de grande parcela da população”, ao passo que, nessa situação anteriormente exposta, torna-se gradativamente acessível para a população em foco.

Outro estudo realizado em comunidade específica foi descrito por Souza (2010, p. 21) no início de 2007 quatro bibliotecas comunitárias do Recife iniciaram reuniões tendo em vista conhecerem-se mutuamente e aprofundar os estudos teóricos sobre o tema em comum, ou seja, conhecer a realidade geral e as realidades particulares, construção e manutenção de acervos, mediação de leitura com discussões sobre as dificuldades para o desenvolvimento de uma cultura de leitura nas comunidades, buscando em conjunto alternativas para um melhor aproveitamento do potencial estagnado nos acervos com pouco uso.

Ao organizarem-se em “rede” os integrantes das comunidades trabalham como multiplicadores da informação na sociedade, distribuindo a informação de maneira estratégica, pois conforme Ribas e Ziane (2008, p. 3), “esses atores específicos compartilham informações, pesquisas, dados relevantes para aquela comunidade”.

Nessas bibliotecas as iniciativas de incentivo à leitura e arrecadação de livros são maneiras de unir a comunidade tornando cada indivíduo um agente de difusão e junto com a participação devolve aos integrantes da comunidade o prazer de fazer parte do conjunto, melhora a auto estima fazendo-os perceber que ao fazer parte do grupo, além de ajudarem são ajudados, olha o entorno com novo olhar e é percebido novamente como um cidadão, incluído e produtivo.

Na relação com as crianças e adolescentes são inúmeras as referências para norteá-las em seguir seus passos na busca de um bem-estar e crescimento global em detrimento do individualismo.

Chamou-nos a atenção outro estudo (TEIXEIRA, 2012) baseado na importância das bibliotecas comunitárias em áreas periféricas, em que é investigado a extensão do abalo provocado pela desativação da biblioteca em questão, conhecida pelo nome de Adolescentro pois tinha como prioridade o atendimento juvenil e na comunidade era considerada como sendo uma biblioteca comunitária

Teixeira (2012) apresenta uma biblioteca comunitária com a preocupação da mudança do foco nos adultos para um público infanto-juvenil, pois os jovens e as crianças seriam os atores do bairro, sujeitos leitores que poderiam ampliar suas experiências e visão do mundo com perspectivas de mudança social, pois segundo Milanesi (2002, p.57) “conforme o quadro econômico-social, nem mesmo existe a

biblioteca escolar ou o que pode ser assim chamado” No seu estudo vem a luz o grande problema que atinge os jovens na atualidade e majoritariamente nas periferias que vivem à margem do convívio social envolvidos com drogas e por essa razão levanta a necessidade urgente da integração desses jovens à sociedade por meio de programas de extensão.

Apesar de haver escolas com bibliotecas nessas regiões, o estímulo ao uso do espaço e o incentivo à leitura como um meio de alcançar a mudança social ainda é pouco, de onde se percebe que para reencaminhar os jovens é necessário além do local atividades atraentes pois como é mencionado por Perrotti (1990, p. 72) a idéia de bibliotecas comunitárias “é que estas, sejam inclusivas, convidativas, atraentes, interessantes para o público infanto-juvenil ao contrário de modelos sisudos com seus códigos ultrapassados que afugentam o público com imagens negativas da leitura”.

Estes exemplos confirmam a suposição da extrema importância que, em bibliotecas cuja meta está em serem reconhecidas como instrumentos de ressocialização, sejam empreendidas ações de promoção da leitura para incutir nos usuários a noção de empoderamento. Não podemos aqui discutir toda a rede de conceitos que contornam esta noção. De acordo com Perrotti (1990, p.15), “se o livro e a leitura estão longe de se popularizar no Brasil, sem dúvida alguma, em alguns centros começam a penetrar em alguns segmentos sociais que tradicionalmente viveram totalmente a margem deles”.

Por esse caminho, a biblioteca comunitária, sendo uma iniciativa da comunidade procura atender às suas demandas e os seus usuários se identificam, sensibilizam e organizam para viabilizar o projeto, pois representa o esforço e a conquista dos integrantes da comunidade evidenciando também todo o seu potencial.

Conforme estudo de Almeida Jr. (1997, p.97), são identificadas particularidades que distinguem as bibliotecas comunitárias das demais:

- a) A forma de constituição: são criadas efetivamente pela comunidade como resultado de uma ação cultural;
- b) A perspectiva comum do grupo em torno da exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social;
- c) A referência espacial, geralmente estão localizadas na periferia das cidades;

- d) O processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade;
- e) O fato de não serem instituições governamentais ou com vínculo direto com municípios, estados, nação.

A importância de bibliotecas comunitárias ocorre a desde o de seu nascimento pois seus criadores são parte integrante do local, o que proporciona familiaridade e maior entrosamento com os usuários da biblioteca; democratizando a informação nos processos de desenvolvimento local e transformação social e, apesar de não contarem com a ajuda de um profissional bibliotecário para a organização e disponibilização do acervo e a ajuda necessária para a escolha da informação de melhor procedência, ainda assim, empiricamente, havendo variedade de fontes de informação a disposição, esse cidadão usuário pode ir moldando seu hábito de leitura e se tornar um leitor crítico e exigente quanto à procedência da informação que está adquirindo.

Alguns autores como Machado (2008) e Almeida Jr (1997) concordam ao analisar a maneira que esse tipo de biblioteca exerce sua atividade que seu trabalho está mais ligada à ação cultural que aos serviços de organização e tratamento da informação, e está conquistando seu espaço seguindo os princípios básicos de versatilidade, independência e inserção na sociedade, sendo essas idéias a base desse tipo de biblioteca e que a distingue das demais.

Dentro deste contexto é que a idealização de bibliotecas comunitárias, centros de documentação ou qualquer outra denominação que as defina, estão inseridas. A ideia pode ser construída por uma ou mais pessoas, no intuito de contribuir para o empoderamento desses grupos sociais de menor poder aquisitivo e, em consequência desse fato, com menor acesso à informação plural, não manipulada.

Retomando a sinalização de Stumpf (1988), por ser idealizada, implantada e mantida por comunidades, não está subordinada ao Estado e sua manutenção e tomada de decisões esta a cargo de membros da comunidade, seu vínculo e integralização com seus componentes é maior, apesar de que este não seja o objetivo exclusivo desse tipo de biblioteca pois todos os outros tipos tem esse item relacionado entre seus interesses. Servem para a transformação da informação em prol do desenvolvimento das localidades das quais fazem parte e onde buscam ser os agentes transformadores.

Apesar de que pela denominação, estabelece também um sentido de maior vínculo com o usuário da biblioteca, visando efetiva integração com esta, tornando-a assim um simulacro da biblioteca pública tradicional diferenciando-se desta apenas pelo agrupamento social de um espaço geográfico específico.

Demarcadas as principais características das bibliotecas comunitárias, no próximo item, passaremos a pensar sobre o papel do bibliotecário nestes espaços.

3. 4 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO

A problemática em bibliotecas comunitárias é complexa. Dentre os inúmeros problemas, está, por exemplo, a dificuldade de possuírem bibliotecários ou técnicos, profissionais aptos para implantarem políticas de atendimento e planejar ações culturais das mais variadas.

Complementamos como os autores que lemos que uma biblioteca assim concebida [...] buscará novas práticas, novos arranjos que possibilitam a construção de outra imagem da leitura prazerosa, descompromissada, divertida, atrativa a ponto de ser capaz de vencer toda e qualquer resistência a ponto de criar uma nova imagem da leitura.

O simples controle de entrada e saída de livros e material do acervo, ademais, minimizaria, por exemplo, o extravio e perda de material que normalmente é organizado pelos funcionários não aptos para esse fim. Em contraponto, no entanto, nas organizações que nascem do desejo e necessidade da comunidade esse trabalho é feito por voluntários pouco afeitos às técnicas bibliotecárias. Esses fazeres não parecem ser de extrema importância quando em uma biblioteca comunitária é alcançado o objetivo principal de disseminar a informação e atrair a comunidade para seu espaço em busca de leitura, serviços e cultura.

De acordo com Almeida Jr:

[...]a ausência não parece motivada pelo desconhecimento. Ao contrário, considerando-se a sua área de atuação, é improvável que os bibliotecários que desenvolvem suas atividades em bibliotecas públicas, não tenham nenhuma informação sequer a respeito desse trabalho. Normalmente os profissionais da área são zelosos, melhor dizendo, excessivamente zelosos na preservação, manutenção e

defesa de seu mercado de trabalho. Pelo menos para reivindicar o espaço que a reserva de mercado lhes confere, é pouco provável sua total ignorância sobre as bibliotecas dos centros de documentação popular. (ALMEIDA JR, 1997, p.80)

Quanto ao fazer do bibliotecário o incentivo à leitura, que é um dos objetivos de bibliotecas tanto públicas quanto comunitárias, devem servir para desenvolver competências para enfrentar os percalços do cotidiano, pois nesses fazeres incluem-se orientar quanto às fontes onde encontrar informação segura capaz de estimular a formação do indivíduo elevando a auto estima, o acesso à informação de qualidade que vai auxiliar na composição de um olhar mais crítico e consciente sobre a sociedade da qual faz parte, mas pelo fator local sente-se à margem.

Mas esse profissional, bibliotecário ou técnico deve ser alguém da comunidade ou adjacências, que conheça as necessidades dessa comunidade para realizar seu trabalho de acordo com os interesses da população em foco auxiliando na formação do acervo que o usuário pode pesquisar, já que este deve atender suas demandas tanto informacionais, educativas e de lazer em diversos suportes e novas mídias.

Em uma biblioteca tradicional, o bibliotecário não está direcionado a fazer o papel de *animador bibliotecário* que é feito na biblioteca ação cultural, pois nesta ele faz parte da comunidade e junto com ela criará as estruturas e características da nova biblioteca, (Almeida, p.65) pois segundo Flusser (1980, p.136-137), ser bibliotecário de uma biblioteca verdadeiramente pública é *desenvolver de maneira política sua profissão*.

Paulo Freire (2006, p. 25) reflete criticamente sobre a atuação desse profissional. Segundo ele:

[...]falta ao bibliotecário uma reflexão crítica sobre sua prática, devido à sua "formação bancária" onde os educandos são considerados depósitos que tem a única obrigação de guardar e arquivar os comunicados feito pela professora, não há criatividade, não há transformação, e há saber. [...] o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

Gramsci preconiza que existem diversas categorias de intelectuais, pois cada grupo social elabora sua própria categoria. Os grupos mais tradicionais como os empresários criam consigo o técnico industrial que são os intelectuais orgânicos do capitalismo. Paralelamente se encontram os intelectuais formados pela sociedade precedente, relatando assim que “não existe o não intelectual, todo homem desenvolve uma atividade intelectual”. Dentre esses intelectuais, o que aqui abordamos o Intelectual orgânico.

O agente mediador da informação inserido em uma comunidade vem a ser esse intelectual orgânico, o agente construtor capaz de organizar, o “persuassor permanente ‘ [...], eleva-se a técnica – ciência e a concepção humanista histórica, sem a qual se permanece especialista e não se chega a dirigente (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Sendo assim, não mais o representante da classe dominante e sim, o representante daquele grupo social que está apto a disponibilizar a informação e ajudar na promoção de significativas mudanças sociais., pois como foi lembrado por Gomes (2014, p. 47.). “O profissional da mediação da informação age, constrói e interfere no meio, portanto, é também um protagonista social, e nessa condição se constitui em sujeito da estética, da ética e da produção humanizadora do mundo”.

Vistos estes pontos teóricos fundamentais necessários à compreensão do tema, passemos à análise da possibilidade de uma biblioteca comunitária no Bairro Santa Rita, em Guaíba, RS.

4 UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NO BAIRRO SANTA RITA, GUAÍBA, RS: uma proposta

Muito antes de ingressar no curso de Biblioteconomia já havia o desejo de, um dia, montar uma biblioteca que propiciasse aos moradores do Bairro onde vivo o mesmo gosto pela leitura que adquiri na mais tenra idade, quando em minha casa havia alguns (raros) livros, mas na casa da vizinha havia uma biblioteca onde eu costumava me refugiar e sonhar lendo um pouco de cada um. Já sabia intuitivamente naqueles tempos que seria impossível ler tudo que via e ansiava saber.

Assim, no decorrer da vida fui observando como existe um número expressivo de jovens que não lêem livros por causa da dificuldade em adquiri-los, se abstêm de uma boa leitura em razão de suas dificuldades financeiras que não lhes permite manter o costume de comprar um livro, acomodando-se apenas nos noticiários de TV e jornal impresso, que possuem um custo menor.

Igualmente existem adultos que gostam de leitura e de bibliotecas, sabem que nesses espaços encontram além da leitura de lazer muitos outros temas que podem auxiliar na resolução de simples problemas diários até outros mais complexos, sendo assim, um campo fértil para o desabrochar de ideias que podem vir a ser ações.

Mas, apesar da vontade de ajudar a ampliar o universo de leitores no bairro, ao estudar para este trabalho, deparei-me com obstáculos antes sequer cogitados, entre eles: a biblioteca comunitária precisa ser construída coletivamente pelas pessoas do entorno de onde ela será inserida, não pode ser outorgada pelo poder público ou mesmo pela boa vontade de um mecenas esclarecido e bem intencionado. Desta forma, surgiram questões: haveria verba pública destinada para esse tipo de iniciativa; quem serão os usuários reais e potenciais da biblioteca; que tipo de serviço será oferecido para atrair os usuários?

Por tratar-se de tarefa de maior complexidade do que o esperado, que, conseqüentemente, requereria mais tempo para levantar com cuidado e exatidão todos os dados que responderiam essas questões, o planejamento de uma biblioteca comunitária real na comunidade Santa Rita fica aqui alinhavado para um estudo posterior de definitiva implantação da biblioteca comunitária no local.

Decorrente do que foi estudado sobre experiências em diversos locais e dada à vivência no bairro e depoimentos extraídos de conversas com moradores pais e alunos da comunidade escolar, uma biblioteca comunitária será muito bem-vinda, principalmente se contemplar os requisitos mais urgentes da população que são os horários e oferta de oficinas que despertem o talento de cada um na busca de um meio para sobreviver nesta sociedade onde amiúde o trabalho condicionado a um patrão está sendo substituído pelo empreendedorismo.

O bairro é de população trabalhadora que sai de manhã cedo e só retorna no final do dia, seus filhos frequentam as escolas das redondezas e passam boa parte das horas diurnas sozinhos, de onde se deduz a preocupação dos pais que precisam trabalhar para melhorar a qualidade de vida de suas respectivas proles, mas também gostariam de ver seus filhos em um local onde pudessem estudar e também terem novas experiências de aprendizado. Além do mais, o bairro tem o grave problema de vários pontos de tráfico, fato que torna os adolescentes muito vulneráveis já que são, pelo próprio momento de vida em que se encontram, susceptíveis a aventuras sem medir as consequências.

Como este projeto está "carimbado" com uma motivação pessoal (intelectual e quase orgânica), imagina-se que o terreno, o prédio, o mobiliário inicial e um proto-acervo já estão reunidos na residência da autora deste estudo. Quanto à parte material do projeto, há muito "eu" e nenhum nós.

A reflexão sobre a localização de uma biblioteca que atenda à comunidade afirma que esta deva ser de fácil acesso, pois, para promover a inclusão social, a acessibilidade em uma biblioteca é mais um fator diferencial que valoriza o usuário que busca a informação e a comunidade no todo. A nosso ver, este quesito já está atendido, visto que imaginou-se a localização da biblioteca na casa da autora.

Os nós começam quando se pensa no "nós": a ênfase no sentido coletivo da criação de uma biblioteca comunitária. Um empecilho para a implantação da biblioteca são as verbas para sua manutenção inicial pois, para iniciar o projeto, a biblioteca imaginada dependerá de voluntários, material humano que está muito escasso. Há uma discussão sobre a natureza do trabalho voluntário e a questão das motivações para fazê-lo. Aqui está anotada a barreira, um nó a ser deslindado. Não pudemos enfrentá-lo de forma teórica, de modo que resta aqui uma lacuna para o projeto que é pensado para uma biblioteca auto-sustentável.

E pela mesma via, a aquisição de mais alguns equipamentos básicos (além dos existentes) para seu funcionamento vai demandar empenho dos envolvidos na execução do projeto, em angariar parceiros que abracem a causa e doem material ou mão de obra.

Um projeto assim pensado enfatiza a leitura como fator relevante para a ressocialização e mudança social do sujeito pois a leitura e a palavra são transformadoras, buscando com essa atitude trazer de volta ao cidadão a consciência de que o indivíduo pode e deve usar a democratização do acesso à informação a seu favor, deixar aflorar o seu potencial criativo, usufruindo dos direitos e equipamentos sociais que pode alcançar, utilizando-os para seu desenvolvimento pessoal e elevação da autoestima, bem como canalizando toda informação que tem disponível nas mídias.

Ao observar no bairro que foi o foco da pesquisa, o aproveitamento de bibliotecas e/ou a carência da mesma, a pesquisadora procurou compreender a relação da comunidade onde estão inseridas e existem já algumas bibliotecas escolares com a utilização efetiva das mesmas. Procurou perceber se esses espaços estão sendo concretamente utilizados, se a comunidade no entorno entende que aquelas instituições ali estabelecidas estão impregnadas de informações, saber, conhecimentos que podem e deveriam ser a mola propulsora para uma mudança social.

Na biblioteca comunitária que está sendo projetada o foco no cidadão será para que além do gosto pela leitura ele sinta-se capaz de agir em prol da conscientização do homem de que o planeta vive uma nova realidade que exige de todos um engajamento sério em relação a preservação dos recursos naturais que são esgotáveis e estão sendo dizimados.

Para obter esse resultado serão oferecidos cursos e oficinas que orientem como reutilizar produtos que geralmente tem como destino os aterros sanitários. Assim, além de evitar que toneladas de resíduos caseiros e industriais sejam despejados na natureza, ainda abrirá caminho para que pessoas que estão desempregadas ou que possuem uma renda muito baixa possam alterar sua realidade econômica sendo um micro empreendedor utilizando também a seu favor o que aprendeu nas oficinas.

Para tais oficinas serão feitas campanhas de arrecadação nas escolas do bairro bem como nos comércio incentivando a separação dos materiais recicláveis

que serão a matéria-prima utilizada nas oficinas artesanais, materiais esses que podem ser entre outros: vidros, garrafas pet, sobras de tecidos, papelão, embalagens tetra pack, jornais, óleo de cozinha usado.

Algumas oficinas laborais e culturais previstas conforme pensado e pesquisado em locais que têm essa ideia de trabalho, são listadas a seguir:

- a) artesanato com sucata, como papéis, garrafas pets, tetra pack e vidros que serão expostos em feiras;
- b) sabão artesanal com óleo;
- c) patchwork, fuxico, colchas, tapetes entre outros com as sobras de tecido;
- d) transformação de cascas, folhas e sobras em alimento novos;
- e) práticas de compostagem e minhocário (vermicultura urbana);
- f) hora do conto;
- g) aulas de percussão, teatro, dança, inglês, espanhol.

É cogitada também a criação de grupos de estudo e cursos pré-vestibulares sociais com universitários e pessoas já formadas para auxiliar vestibulandos no preparo para as provas, parceria com faculdades da cidade para orientação jurídica, parceria com prefeitura para cessão de área verde onde se desenvolverá uma horta e jardim comunitário com mudas cuja doação já é prevista pela Celulose Riograndense, uma das indústrias da região.

E, a partir do momento em que esteja ativada esta biblioteca, novas propostas de oficinas certamente surgirão. A ideia é transformar esse espaço em um centro de referência no bairro pelos serviços prestados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento na elaboração deste trabalho iniciou com uma pesquisa na bibliografia que envolvesse bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, o bibliotecário e inclusão social.

Na primeira parte deste trabalho estão as considerações iniciais acerca da motivação pelo tema, os objetivos almejados e a metodologia seguida para desenvolvimento do projeto.

A metodologia descreve como foram coletadas as informações e o procedimento realizado para percorrer as diversas etapas que o trabalho exigia. Foi realizado uma pesquisa do tipo exploratória de caráter qualitativo na bibliografia da área e a seguir um breve resumo sobre o município onde está inserido o bairro Santa Rita e sobre o número de estudantes matriculados nas escolas desse contexto e a existência de bibliotecas com acesso à comunidade.

Discorre também sobre a existência ou não de um profissional bibliotecário e da concepção gramsciana de intelectual orgânico como mediador da informação, cita algumas experiências com bibliotecas comunitárias encontradas na literatura. Reflete sobre os benefícios que uma biblioteca comunitária traria para a comunidade Santa Rita ao conscientizar o cidadão sobre o seu empoderamento, ao mesmo tempo e que faz considerações sobre a necessidade de afastar o jovem das ruas com projetos que o beneficiem e o levem a tomar consciência do ser transformador que podem ser com suas atitudes.

Finalmente, nos resultados, apresenta as reflexões pessoais sobre as condições de possibilidade - e de realização - de uma biblioteca comunitária real.

Para continuar levando este projeto à realização, já existem alguns itens que são indispensáveis para que a biblioteca se concretize no coração da comunidade.

O local para iniciar a biblioteca é na parte inferior da residência da autora, uma área de 50m². O mobiliário ainda é escasso, são cinco prateleiras e armários que acomodam os livros, uma mesa pequena, u mesa grande, uma escrivaninha, quatro cadeiras, um sofá, um computador conectado na internet e instalação.

Existe um acervo com literatura de língua portuguesa; romances de revistaria; hemeroteca; dicionários de língua portuguesa, inglesa, francesa, latim e outros; enciclopédias; literatura infantil e infanto-juvenil; livros didáticos das séries iniciais,

ensino médio e pré vestibular; livros de administração, artes, saúde entre outros títulos e revistas.

Para as oficinas de artesanato já possui os retalhos de tecidos, lãs, linhas tintas, vidros, teares.

A partir do momento em que estiver funcionando algumas parcerias já estão alinhavadas, os contatos com faculdade para prestar auxílio jurídico, o espaço em duas escolas próximas para as feiras, quem dará aulas de inglês, basta organizar as turmas e colocar mãos a obra.

É lógico que para iniciar é necessário abrir as portas e planejar bem o marketing para colocar a biblioteca em evidência e atrair os parceiros da comunidade, tanto os voluntários quanto os que serão beneficiados e que trarão novas ideias em prol da construção de um espaço de incentivo à leitura, cultura e evolução social, na busca do caminho que aproxime mais os jovens dessas atividades e os direcione para longe das ruas, das drogas e da ilusão de uma vida fácil.

O próximo passo será, portanto, cooptar os moradores para um trabalho conjunto. Imagina-se que o sentido coletivo de uma biblioteca comunitária possa ser finalmente realizado. Será a partida dos tantos nós imaginários para o "nós" da criação coletiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Osvaldo Francisco. Bibliotecas Públicas e Bibliotecas alternativas. Londrina: UEL, 1997.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de, MACHADO, Elisa. **Bibliotecas comunitárias em pauta.** Itaú Cultural. 2006. disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/produção-acadêmica/001590161.pdf>>. Acesso em : 24/05/2018.

BASTOS, Gustavo G.; ALMEIDA, Marco A.; ROMAO, Lucilia M. S. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Inf. e Soc.** João Pessoa, v. 21, n. 3, p.87-100, set.-dez. 2011.

BLANK, Cinthia K.; SARMENTO, Patricia S. Bibliotecas comunitárias uma revisão de literatura. **Biblionline**, João pessoa. v. 6, n.1, p.142-148. 2010.

CAVALCANTE, Lúcia E.; FEITOSA, Luiz T. Bibliotecas comunitárias e movimentos sociais: mediação, sociabilidade e cidadania. Rio de Janeiro, **Liinc em Revista**, v.7, n.1, p. 121 – 130, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/18208/1/2011_art_lecavalcante.pdf>. Acesso em 21/06/2018.

FERREIRA JUNIOR, Flavio; OLIVEIRA, Gustavo Lopes. Implantação da bibliotecas comunitárias nos bairros atendidos pelo carro biblioteca. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO REGIÃO SUDESTE CENTRO OESTE, 10, Goiania. **Anais...** Goiania, MG: UFG, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUEDES, Roger de Miranda. Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. Cultura Informacional e digital. Belo Horizonte: UFMG: s/d. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf . Acesso em: 21/06/018.

LAIPELT, Rita do Carmo et al. **Bibliotecas comunitárias e telecentros: unidos na busca da inclusão social.**

MACEDO, Magda Helena Soares. **Manual de Metodologia da Pesquisa jurídica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____ Elisa Campos. Vergueiro, Waldomiro A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín (Colombia) v.33, n. 1, jan./jun. 2010.

_____ Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de Biblioteca Comunitaria. **Rev. Dig. De Biblio. E Cien. da Inf. de Campinas**. v.7, n. 1, p. 80-94, jul.-dez. 2009.

MAGALHÃES, Gildo. Introdução à Metodologia da Pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia. São Paulo: Ática, 2005. (Ática Universidades)

MILANESI, Luis. **BIBLIOTECA**: Cotia. Ateliê editorial, 2002.

MILLS, wright. Do artesanato intelectual. In: a imaginação sociológica, 1959. Disponível em:<<https://pt.slideshare.net/CamillaMangold/30154-mills-wright-do-artesanato-in-a-imaginao-sociologica>>. Acesso em: 01/06/2018

PRADO, Geraldo Moreira. Bibliotecas comunitárias como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Inf. Soc. Brasília**,v.3, n.2, p. 143-149. jan.-jun., 2010

_____ Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças. **Datagrama Zero. Rev. Cie. Da inf.** v. 10, n.6, dez. 2009.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.

SOUZA, Kassandra Kalyna Nunes de. **Biblioteca comunitária uma questão social**. Recife, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002. (22 ed. rev. e ampl. de acordo com ABN.

STUMPF, I. R. C. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, v. 3, n. 1, p. 17-24, 1988. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/3482>>. Acesso em: 20 Jul 2018.

TEIXEIRA, Rafaela Pereira. **As Bibliotecas comunitárias como uma linha alternativa de inclusão social para comunidades periféricas da ilha de São Luiz**: estudo sobre o bairro da Vila Embratel. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA

INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15, Juazeiro do Norte/CE. **Anais...**
Juazeiro do Norte/CE, 2012.

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO DE PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....Patrícia B. Gonçalves.....
 abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
 estudante).....Sera Regina Severo Gomes....., estudante de
 (nome do curso).....biblioteconomia..... da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
 para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas Comunitárias: dos nós do nós.....
 e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.).....Marcia Hebina Lima.....

Porto Alegre, 15 de julho de 2018.

PR Gonçalves
Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Miliane Fagundes
Reisato, abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
 estudante) Vera Regina Severo Gomes, estudante de
 (nome do curso) Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
 para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas Comunitárias: "dos nós do nós"
 e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.)

Porto Alegre, 13 de junho de 2018.

Reisato
 Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Miliane Fagundes
Reisato, abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
 estudante) Vera Regina Severo Gomes, estudante de
 (nome do curso) Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
 para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas Comunitárias: "dos nós do nós"
 e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.)

Porto Alegre, 13 de junho de 2018.

Reisato
 Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Rosângela Pires
 abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
 estudante) Vera Regina Severo Gomes, estudante de
 (nome do curso) Bibliotecon., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
 para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
BIBLIOTECAS COMUNITARIAS: dos nós ao nós
 e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.) Marcia Melissa Lima

Porto Alegre, 15 de junho de 20 18.

Rosângela Pires

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Elvira Linck
 abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
 estudante) Nora Regina S. Gomes estudante de
 (nome do curso) Bibliote, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
 para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas comunitárias dos nós ao nós
 e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.) Mareia Heloisa Lima

Porto Alegre, 13 de junho de 2018.

Elvira Linck

Assinatura do entrevistado

APÊNDICES

ENTREVISTAS COM PROFESSORES

Entrevista na Escola CIEP Carmem Alice Paivaqueire

Primeiro Respondente Patricia R. Gonçalves

Cargo professora

Número de alunos e quais turnos o total? NEO informado 8-12h e 13:00-17h.

Qual a faixa etária que é atendida na escola? de 6 anos à 14 anos.

A escola tem biblioteca? sim

A biblioteca tem bibliotecário? NEO Quem é que atende? Professora de Especial

Qual horário que funciona a biblioteca? manhã e tarde

Tem frequência dos alunos? sim

É aberta para externos (pais e demais alunos da comunidade)? NEO

A noite tem EJA

Patricia R. Gonçalves

Entrevista na Escola Aglae Kehl

Primeiro Respondente *Liliane Reicoto*

Cargo *PROFESSORA*

Número de alunos e quais turnos o total? *600*

Qual a faixa etária que é atendida na escola? de *6* anos à *65* anos.

A escola tem biblioteca? *sim*

A biblioteca tem bibliotecário? *sim* Quem é que atende? *Professora*

Qual horário que funciona a biblioteca? *manhã e tarde*

Tem frequência dos alunos? *sim*

É aberta para externos (pais e demais alunos da comunidade)? *sim*

Liliane Reicoto

Entrevista na Escola Ruy Coelho

Primeiro Respondente *Elaine Lind*

Cargo *PROFESSORA*

Número de alunos e quais turnos o total? *600 +*

Qual a faixa etária que é atendida na escola? de 7 anos à 16 anos.

A escola tem biblioteca? *sim*

A biblioteca tem bibliotecário? *nao* Quem é que atende? *PROFESSORA*

Qual horário que funciona a biblioteca? *fora do aulas*

Tem frequência dos alunos? *POUCA*

É aberta para externos (pais e demais alunos da comunidade)? *nao*

Elaine Lind

Entrevista na Escola Santa Rita de Cassia

Primeiro Respondente Rosângela Pires

Cargo vice-diretora

Número de alunos e quais turnos o total? 1.200 alunos 8-12h e 13-17h

Qual a faixa etária que é atendida na escola? de 4 anos à 30 anos.

A escola tem biblioteca? sim

A biblioteca tem bibliotecário? não Quem é que atende? Professores

Qual horário que funciona a biblioteca? mesmo de aulas

Tem frequência dos alunos? sim

É aberta para externos (pais e demais alunos da comunidade)? não

Rosângela Pires

E. M. E. F. Santa Rita de Cássia
(Amessec)

Primeiro Respondente: Aline de Freitas
Quinzeira

Cargo: Vice-diretora

Número de alunos e quais turmas e total?
300 alunos

Qual a faixa etária? 04 anos à 07 anos.

A escola tem biblioteca? Existe o cantinho
da leitura.

Bibliotecária? Não.

Qual horário? Manhã e tarde.

Frequência de alunos? Sim.

Aberta para estúdios? Não.

(Alineis)

Aline Freitas
Vice-diretora
267260

Escola Municipal de Ensino Fundamental
Santa Rita de Cássia

Rua Macapá, 121 - Jardim Santa Rita - Guaiçabá/RS
Decreto Mun. Criação e Denominação 1ª a 4ª N° 504
01/06/82; Port. Criação e Denominação 1ª a 4ª N° 69;
12/01/83, D. O. de 17/01/83.

Port. Aut. Func. 5ª série SEC N° 307 de 26/02/92 D. O. de
09/03/92. Port. Aut. Func. 6ª série SEC N° 649 de 20/04/93 D.
O. de 29/04/93. Parecer Aut. Func. 7ª e 8ª séries SEC N° 355/99
Portaria de Nova Denominação N° 016/1999-09/04/99